

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: A FOLIA DE REIS DE FLORÍNEA/SÃO PAULO

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini¹
Rafaela Sales Goulart²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo tratar a folia de reis como manifestação sociocultural historicamente construída e ressignificada por meio da ação de seus integrantes. Neste sentido, levando em consideração às recentes perspectivas sobre preservação do patrimônio imaterial e com base nas especificidades presentes em celebrações desta natureza, analisam-se entrevistas, documentos textuais e imagéticos que constituem evidências dos investimentos de um grupo de folia de reis da cidade de Florínea/SP na preservação de suas memórias, entre as décadas de 1990 e 2013.

Palavras-chave: Folia de Reis; História; Memória; Identidade; Patrimônio Imaterial.

STORIES AND MEMORIES: THE FOLLIES KINGS OF FLORÍNEA/SÃO PAULO

Abstract: This article aims to address the revelry of kings as socio-cultural manifestation historically constructed and re-signified through the action of its members. In this sense, taking into account the recent perspectives on preservation of intangible heritage and based on the features present in celebrations of this nature are analyzed interviews, textual documents and imagery that constitute evidence of the investments of a merry group of kings of the city of Florínea/SP in preserving your memories, between the 1990s and 2013.

Keywords: Folia de Reis; history; memory; identity; Intangible Heritage.

INTRODUÇÃO

A promulgação da Constituição brasileira, em 1988, propiciou à inserção dos direitos culturais como um debate que diz respeito a toda sociedade, sobretudo, no que se refere às manifestações populares³. Ao interpretar o conceito de cultura como algo dinâmico, os constituintes ofereceram visibilidade e reconhecimento para os bens culturais produzidos por grupos ou segmentos sociais distintos. Deste modo, são dados os primeiros passos em direção a implantação de uma política preservacionista que abarca mais do que construções

¹ Professora na UEM/Maringá. Realizou seu Mestrado em História pela FCL UNESP/Assis (1993). Doutorou-se em História Social, pela USP (2000). Desenvolveu os estudos de pós-doutorado na UNICAMP (2007). E-mail: sandrapegrini@yahoo.com.br

² Mestranda em História e Sociedade pela FCL UNESP/Assis e bolsista FAPESP. Realizou sua especialização pela UEM/Maringá. E-mail: rafa_historia@hotmail.com

³ De acordo com o Artigo 215 da Constituição Federal de 1988: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Consultar Constituição em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 15 de jan. 2015.

arquitetônicas, artes plásticas e outras representações da alta cultura (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 53). Ao dar prosseguimento as políticas preservacionistas em agosto de 2000 foi assinado o Decreto nº 3.551, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro. Nos últimos anos as ações em prol de salvaguardar, proteger e registrar bens culturais imateriais aumentam no país, órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), juntamente com especialistas e comunidades locais, empenham-se na realização de inventários dos bens patrimoniais de diversas tipologias⁴.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2003, adotou uma Convenção sobre a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível ou Imaterial e, entre os debates implementados e aceitos pelo Brasil em março de 2006, conceituam como patrimônio cultural imaterial:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural⁵.

Essa definição proporciona de certa forma, uma democratização do patrimônio cultural, uma vez que passa a considerar que as práticas que emanam da cultura de determinada sociedade devem ser reconhecidas como parte integrante das mesmas. As repercussões desse enfoque nos debates sobre preservação patrimonial adquirem ressonância tanto no âmbito nacional, quanto internacional, como assinalam Sandra Pelegrini e Pedro Funari (2008).

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e a criação dos quatro Livros de Registro de Bens Culturais de natureza imaterial constituíram avanços significativos porque possibilitaram o reconhecimento de saberes (conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades), celebrações (rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social), formas de expressão

⁴ Sobre políticas públicas de patrimônio, consultar: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio Cultural no Brasil. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.

⁵ Referência retirada do site do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>. Acesso: 10 de dez. de 2014.

(manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas) e lugares (mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas coletivas)⁶.

Desta maneira, entre os bens imateriais brasileiros registrados e os que se encontram em fase de inventariamento ou até os que não foram oficialmente registrados, reúnem-se elementos naturais e saberes concernentes as condições socioculturais vivenciadas em determinadas regiões. São elementos internalizados pelos grupos sociais, cujas memórias e identidades são reinventadas de acordo com as mudanças das relações do homem com o meio e com o tempo.

A FOLIA DE REIS E O GRUPO DE FOLIA DE REIS DE FLORÍNEA: APRESENTAÇÕES

A folia de reis é uma festa popular que possui, inicialmente, caráter especificamente religioso, cujo intuito era render homenagens aos três Reis Magos, nomeados como Baltazar, Melquior e Gaspar. O antropólogo Carlos Brandão, no livro *O que é folclore*, as descreve como originárias de desdobramentos de antigos rituais da Idade Média e acrescenta que o próprio termo “folia” remete a “[...] uma dança popular, profana e costumeira em Portugal dos séculos XVI e XVII” (1984, p. 58). Tal folia é exposta de modo similar por Câmara Cascudo, no *Dicionário do folclore brasileiro* (1962, p. 774), no entanto, ele assinala que no Brasil a festa assumiu um aspecto precatório, mistura o sagrado e o profano em andanças efetuadas nas áreas rurais e urbanas. Do seu ponto de vista, o dia de reis marca o final do ciclo natalino, uma vez que o giro do festejo é realizado, geralmente, entre os dias 25 de dezembro a 6 de

⁶ Segundo dados do IPHAN⁶, entre os Livros e Saberes, Celebrações, Formas de Expressão e Lugares, estão registrados: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras; Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; Samba de Roda do Recôncavo Baiano; Mode de Fazer Viola-de-Cocho; Ofício das Baianas de Acarajé; Jongo no Sudeste; Cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri; Feira do Caruaru; Frevo; Tambor de Crioula do Maranhão; Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo; Modo artesanal de fazer queijo Minas nas regiões dos serros e das serras da Canastra e do Salitre; Roda de Capoeira; Ofício dos mestres de capoeira; Modos de fazer Renda Irlandesa – Sergipe; O toque dos Sinos em Minas Gerais; O ofício dos Sineiros; Festa do Divino Espírito Santo de Pirinópolis – Goiás; Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe; Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro; Festa de Sant’Ana de Caicó; Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão; Saberes e Práticas Associados aos Modos de Fazer Bonecas Karajá; Ritxòkò: expressão artística e cosmológica do povo Karajá; Fandango Caiçara; Festa do Divino Espírito Santo de Paraty; Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim; Festividades do Glorioso São Sebastião do Marajó; Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17743&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>. Acesso: 05 de fev. de 2015.

janeiro, datas litúrgicas católicas que comemoram, respectivamente, o Nascimento de Jesus e a Epifania ou Dia dos Santos Reis⁷.

De fato, como apresenta Câmara Cascudo (1962, p.774), os “reisados” eram festas populares que ocorriam na Europa, em deferência à visita dos três Reis Magos ao “Deus Menino”, por ocasião do seu nascimento. A tradição praticada na Península Ibérica foi mantida pelos colonizadores portugueses no Brasil, por meio de grupos de pessoas que, no período supracitado, faziam visitas aos moradores mais próximos e aos parentes, cantando versos que se remetiam ao tema e pediam alimentos ou dinheiro.

Melo Moraes Filho, em *Festas e tradições populares do Brasil* afirma que uma das singularidades das festas de reis da Bahia, no século XIX, era a ampliação do tempo da celebração que podia estender-se até o carnaval. Segundo o autor: “[...] os cantadores de Reis percorrem a cidade cantando versos de memória e de longa data” (2002, 75) – característica que demonstra o trabalho individual e coletivo de se produzir sentidos para manter uma memória popular. Como afirma Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade – lembranças de velhos*: “O grupo é suporte da memória se nos identificarmos com ele e fazemos nosso seu passado” (1994, p. 414).

Embora ainda não estejam inscritas como bens imateriais no Livro de Registros Celebrações do IPHAN, as folias de reis podem ser consideradas manifestações culturais intangíveis, ressignificadas dentro do contexto nacional brasileiro, haja vista que através de seu ritual votivo e de sua prática comunitária, ela reúne cantadores, palhaços ou bastiões, devotos e simpatizantes que fazem um circuito de visitas em moradias de áreas rurais e urbanas. Trata-se de uma “tradução” de modos de vida com trocas solidárias, tanto de bens materiais quanto simbólicos (BRANDÃO, 1984).

Quando se analisam tais celebrações de ordem imaterial, por serem mantidas em movimentos de gerações essencialmente pela oralidade, os pesquisadores se deparam com dados construídos no imaginário social, capazes de consolidar na memória coletiva parte de histórias de vida. Concorda-se com a ideia expressada por Alessandro Portelli: “[...] tanto

⁷ Brandão (1984) também menciona que outro costume comum da Europa Medieval foi o de incorporar às procissões de festas católicas, autos ou dramatizações e danças. Neste sentido, o antropólogo aponta que a partir século X, aproximadamente, os festejos natalinos que eram iniciados com diálogos curtos entre pastores nas missas de Natal (*Officium Pastorum*) foram ampliados com a participação de outros elementos dramáticos, tais como os próprios magos do oriente e o rei Herodes (*Officium Stellae*). Assim, nesta extensão do Natal à festa de Epifania (6 de janeiro), foram ampliados os sentidos do catolicismo oficial, de maneira que o tal *Officium Stellae* seria um segundo drama litúrgico-popular próprio do ciclo natalino. Trazendo estes dados à análise sobre as folias de reis, percebe-se que a data de nascimento, dia 25 de dezembro, e o próprio menino Jesus tomam uma posição de igualdade perante os magos. Vale ressaltar que a única referência bíblica feita aos magos do Oriente está no capítulo 2, do Evangelho segundo São Mateus. Cf. Bíblia Sagrada - Edição Pastoral Catequética (137ª Ed.). São Paulo: Ave Maria.

fatos quando representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem” (1998, p. 111). Mas, há que se ter cautela e visão crítica sobre as fontes orais, pois elas “sofrem mediações culturais e, até mesmo, de ordem ideológica” (1998, p. 106). Nesta medida, deve-se também atentar à memória individual.

No caso do grupo de folia de reis de Florínea/SP⁸, quando foram analisadas doze entrevistas feitas com seus membros, percebeu-se que as experiências ímpares dos indivíduos apresentaram convergências em relação aos relatos coletivos sobre a história e trajetória do grupo⁹. No entanto, embora, a maior parte das falas evidencie que o marco da celebração seja ano de 1928 e o seu fundador em Florínea seja Sebastião Alves de Oliveira, surgiram algumas controvérsias. No resumo histórico constante do Livro de Atas da Companhia, por exemplo, há a menção da fundação da manifestação da folia de reis na cidade em 1926¹⁰.

Quando indagado sobre possíveis origens da festa na região, o atual presidente Rozimbo do Nascimento comenta: “[...] quando eu era moleque, pequenininho, já tinha sido a festa. Então, acho que era 28, 29, por aí”¹¹. Neste trecho de entrevista, portanto, confirma-se uma consolidação de memória dos primórdios da festa, sendo a data divulgada, inclusive no dia em que a festa de reis é realizada na cidade, por meio de uma música que fora criada por José Arcanjo Filho¹². E, quando indagado sobre a data em sua música, o entrevistado disse que recebeu a informação através do povo, ou seja, mesmo não tendo informações fidedignas sobre sua origem, há a aceitação deste marco pela comunidade local.

⁸ A cidade de Florínea está situada no interior do Estado de São Paulo. No senso de 2010, contava com o número de 2.829 habitantes. Mais informações acerca da cidade em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351610>. Acesso: 30 de jan. 2014.

⁹ As entrevistas foram feitas entre os anos de 2012 e 2014, momento em que desenvolvíamos a especialização em História e Humanidades pela UEM/Maringá. É válido ressaltar que tanto a elaboração, quanto o desenvolvimento e análise de tais fontes foram realizadas segundo teorias e metodologias dispostas em: ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005; AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998; MEIYH, José Carlos Serbe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011; PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. 211-214p.

¹⁰ Nesse documento assinado, inclusive, pelo atual presidente da Associação de Folia de Reis, Rozimbo do Nascimento, consta uma lista de nomes dos integrantes do grupo e descrições de acontecimentos representativos para a companhia.

¹¹ Entrevista concedida por Rozimbo do Nascimento no dia 14 de agosto de 2012, realizada na sua residência em Florínea/SP. Nascido em 1930, é o atual presidente da Companhia de Reis “Flor do Vale”, onde é considerado um dos pioneiros e, portanto, é pessoa muito respeitada em tal. Estava presente nesta entrevista outro membro da Companhia Onofre Lopes de Lima e depois a esposa de Rozimbo. Fonte: NASCIMENTO, Rozimbo do. **Entrevista [14 ago. 2012]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2012. Áudio MP3 (01:04:54).

¹² Entrevista realizada no dia 05 de dezembro de 2013, na residência do entrevistado, em Florínea-SP. Fonte: ARCANJO FILHO, José. **Entrevista [5 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (50:11).

Na fotografia abaixo (Figura 1), observa-se o momento da chegada das duas bandeiras da Companhia de Reis “Flor do Vale” de Florínea/SP, realizada todos os dias 6 de janeiro, no Parque de Tradições Prefeito Sebastião Benedito de Paula. Lugar cedido e inaugurado pela prefeitura local em 1993, o Parque se torna representativo por sediar a festa final desta celebração em um único ambiente, modificando a antiga forma de festejar que se dava em casas de fazendeiros na região de Florínea.

Figura 1. Bandeiras de Folia de Reis de Florínea/SP (06/01/2013)



Autora: Rafaela Sales Goulart.

O ritual religioso e festivo do grupo de Florínea é iniciado no dia 25 de dezembro, na casa do festeiro do ano, onde ocorre o encontro entre as duas bandeiras que representam Jesus, São José e Santa Maria, e os seguidores que compreendem não só o grupo de folia de reis, mas também os fiéis e simpatizantes da celebração. Após o primeiro momento de realização das rezas e do canto das músicas em tributo ao nascimento do “Menino Jesus”, o planejamento da festa acordado no ano anterior e os rumos do giro que está para ser iniciado são discutidos.

Ao saírem da casa do festeiro¹³, as bandeiras seguem rumos diferentes, sendo que cabe ao escrivão, também conhecido como ponteiro, entrar em contato com algumas famílias para marcar a data do almoço e do jantar do grupo a ser servido para os foliões. Além do compromisso de alguns proprietários de residências com as principais refeições do grupo, as bandeiras também fazem o giro em outras casas, a fim de angariar prendas (dinheiro, animais, bebidas) e de fazer suas cantorias. Os versos cantados, em geral, remetem a acontecimentos passados, promessas, lembranças de entes queridos, agradecimentos, oferendas, saudações

¹³ Todos os anos o festeiro é substituído por outro interessado em assumir a organização da folia, contudo, normalmente, essa pessoa é submetida a uma lista de espera, administrada pela Associação.

ao presépio, entre outras expressões musicais e falas que, segundo um dos mestres da bandeira, Benedito da Silva¹⁴, são entoados pelo próprio mestre em formato de “repente”.

As músicas são seguidas por uma sequência de vozes, que compreendem respectivamente ao “mestre”, “contramestre”, “contralto”, “tala”, “contratala”, “contratinho” e “gritinho”. Seguem, junto aos músicos, dois ou três palhaços ou bastiões. Estes são elementos simbólicos importantes para o grupo, pois representam os guardiões da bandeira; isto é, os guardiões daqueles que encontraram o “Menino Jesus” – alvo das ameaças do rei Herodes. Segundo relatos de João Rodrigues Valim, cabe aos palhaços protegerem os Reis Magos:

[...] os três palhaços antigamente eram os ordenanças dos três reis, os três guardiões dos três reis. Cada um que foi visitá o menino Deus levou um guardião, era o guarda deles, então quando chegaram no Palácio do reis Herodes, o reis era traçoeiro, então daí o que aconteceu: o reis Herodes soltou os três reis pra visitá o menino Deus e, em segurança, pros três reis contar pra ele aonde o menino tinha nascido, pra depois matar o menino Deus. Então ele segurou os ordenança dos três reis, que era guarda dos três reis né, então pra eles se verem livres. O que fizeram, dentro do galpão aonde eles estavam sendo preso? Tinha panela preta, tinha carvão, tinha tudo essas coisas aí, aí veio na ideia deles, de se pintá tudo de preto e rasga a roupa e saí, porque alí na frente se o reis Herodes perguntar: você não viu três pessoa assim assim assim? Aí as outras pessoas falavam pra ele: não, aqui nós vimos uns palhaços aí, uns homens pintados de carvão. Então foram assim que eles conseguiram se escapá né. Mas quando chegaram na lapinha de Belém, eles não puderam ver o menino Deus, porque o anjo já tinha avisado São José e Nossa Senhora, por sonho, pra eles fazer a retirada pro Egito, que o Herodes vinha atrás pra mata o menino Deus. Então, quando eles chegaram na lapinha não tinha menino Deus, não tinha mais nada. Então é por isso que quando um palhaço chega numa casa, primeiro ele tem que olhá se tem presépio, o que tem, porque se ele tiver com a máscara ele não pode entrar, porque ele não viu o menino Deus¹⁵.

Os instrumentos musicais que acompanham os cantores usualmente são: violas e violões, pandeiros, caixas, chocalhos, bandolins, violino e sanfona – os últimos três instrumentos são mais utilizados no dia festa de reis (6 de janeiro). No centro da fotografia (Figura 2), observam-se as presenças dos músicos cercados por muitos devotos e foliões, alguns dos instrumentos supracitados e outros elementos simbólicos como a bandeira adornada com flores coloridas e o palhaço, em uma das passagens antes da chegada ao presépio.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 22 de julho de 2013. Fonte: SILVA, Benedito da. **Entrevista [22 jul. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (01:35:04).

¹⁵ Entrevista concedida e autorizada para publicação por João Fernandes Valim, no dia 07 de dezembro de 2013, em sua residência em Florínea-SP. Fonte: VALIM, João Rodrigues. **Entrevista [07 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (04:57). É válido ressaltar que nos trechos de entrevistas destacados neste texto, optamos pelo método de *transcrição absoluta*, o qual evidencia erros gramaticais e palavras sem peso semântico (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 140-141).

Figura 2. Caminho de uma das bandeiras da folia de reis de Florínea antes da chegada ao presépio, no Parque de Tradições (06/01/2013).



Autora: Rafaela Sales Goulart.

Aos músicos e aos instrumentos são adicionados lenços e fitas vermelhas, cor que representa o grupo de foliões. Já os palhaços são vestidos de roupas coloridas, com estampas de flores, mas não há uniformidade de cores. Suas máscaras são confeccionadas com tecidos e fios de lã de carneiro, conforme destacado no primeiro plano da fotografia. Segundo o relato de Aldo Vasconcelos Meira Filho¹⁶, a indumentária utilizada pelos palhaços não sofreu mudanças significativas durante os anos, contudo, após 1990, a produção dessas roupas passou a fazer parte das responsabilidades do festeiro do ano.

Ao saírem no dia 25 de dezembro da casa do festeiro, os foliões só terminam sua jornada de visitas no dia 5 de janeiro, dia em que costumam descansar para se reencontrarem no dia seguinte. Entretanto, enquanto isso, parte dos foliões e da própria comunidade florinense, trabalha na preparação da comida que será distribuída na festa: carnes bovinas e suínas, arroz, tutu de feijão e macarrão. No dia 6 de janeiro, portanto, é servido gratuitamente o almoço, porém, este serviço é suspenso aproximadamente às 14 horas, quando os foliões retornam e dão continuidade ao ritual do encontro das bandeiras e a reza do terço. Na sequência, a comida volta a ser servida e dá-se o coroamento novo festeiro e/ou festeira para o ano posterior.

Cumprido destacar que o encontro das bandeiras é um momento em que grande parte da população residente ou não na cidade se reúne para ver as bandeiras passarem. Este fato, assim como a popularização da figura do festeiro(a), são elementos que mostram algumas ressignificações da festa na cidade, a qual evidencia um lugar próprio para a realização do ritual final da celebração, possibilitando a continuidade da festa e o pressuposto de que tal espaço seja lugar de memorização.

¹⁶ Entrevista realizada na residência do entrevistado, no dia 07 de dezembro de 2013. Fonte: MEIRA FILHO, Aldo Vasconcelos. **Entrevista [07 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (24:35).

No Parque de Tradições, o grupo subdivide-se em duas bandeiras que seguem caminhos diferentes rumo ao presépio e quando o grupo de música de uma bandeira entoia um verso, o outro silencia e, desta forma, seguem toda a trajetória imaginária dos três Reis Magos. Ao chegarem ao presépio, se encontram com o festeiro – acompanhado da esposa e dos filhos.

O presépio é montado em um local que permite acolher os membros da folia de reis e os demais devotos. Na figura 2, nota-se um significativo número de bastiões no momento em que o grupo reúne as duas bandeiras nesse local:

Figura 3. Bandeiras visitam o presépio. Florínea/SP (06/01/2013)



Autora: Rafaela Sales Goulart.

Os foliões saúdam a multidão sempre com versos improvisados, acalorados pelo momento que lhes é sagrado. Neste mesmo tempo, os palhaços, que na festa são muitos, tiram suas máscaras, agradecem sua jornada com versos próprios para o momento. E, em seguida, os músicos voltam a cantar para encerrar o ritual de folia e exaltar as graças recebidas. Como dissera Sandra Pelegrini (2011, p. 237):

O simbolismo do milagre fundamenta do ponto de vista dos fiéis, o sentido da celebração, motivada tanto pelo reconhecimento das supostas bênçãos alcançadas, quanto pela expectativa do atendimento de novas promessas.

Aliás, como afirmou Onofre Lopes de Lima, o mestre para declamar as palavras ao presépio, “tinha que ter um dom do Divino Espírito Santo [...] não é qualquer pessoa, é mandado por Deus”¹⁷. No livro *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*, Mircea Eliade afirma que pessoas vinculadas às mais distintas manifestações religiosas estão sempre

¹⁷ Em entrevista feita com Onofre Lopes de Lima, realizada no dia 20/04/13 na residência do morador em Tarumã-SP. O contra-mestre da Companhia declamou o verso que é tradicionalmente falado ou cantado no ritual da Folia de Reis. Neste trecho recortado da entrevista, entretanto, Onofre menciona o mestre como porta-voz de saudações do presépio, o que não é usual na festa de reis de Florínea, cabendo ao palhaço, tal função. Fonte: LIMA, Onofre Lopes de. **Entrevista [20 abr. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Tarumã/SP, 2013. Áudio MP3 (01:02:52).

em contato com o que consideram “sagrado” e constroem e reconstróem seus próprios significados. Em outras palavras, declara: “Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente” (ELIADE, 1992, p. 79). E, como diria Portelli:

Não há por que questionar a credibilidade desses episódios para identificar sua dimensão mítica: um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura (1998, p. 120).

Deste modo, a união do grupo de folia de reis está vinculada às histórias culturalmente construídas e às histórias comuns aos indivíduos que partilham suas experiências, lutam pelo fortalecimento de sua identidade e expressam anseios por um mundo melhor ou por dádivas milagrosas. A busca deste fortalecimento identitário é perceptível, sobretudo, a partir da prática de realização da festa em um local único, a partir da década de 1990, e com a Constituição da Associação Folclórica De Reis Flor Do Vale De Florínea, em 2013. Passa-se, portanto, à descrição deste processo.

A FESTA E A ASSOCIAÇÃO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

A folia de reis de Florínea é realizada todo o dia 6 de janeiro, em um espaço inaugurado em 1993 pela prefeitura local, intitulado de Pavilhão de Festas “Fabiano Santino dos Santos”, hoje também conhecido como Parque de Tradições Sebastião Benedito de Paula.

Na imagem que segue, vê-se um registro fotográfico do referido “barracão” construído dentro do Pavilhão de Festas, local onde são servidas as refeições durante a festa de reis, em Florínea/SP.

Figura 4. Barracão construído dentro do Pavilhão de Festas de Florínea/SP (06/01/2013).



Autora: Rafaela Sales Goulart.

A placa de inauguração é encarada como uma representação da oficialização do espaço da festa:

Figura 5. Placa de inauguração do Pavilhão de Festas de Florínea - SP (1993).



Autora: Rafaela Sales Goulart.

Nos primeiros escritos do Livro de Atas¹⁸ da Comissão de folia de reis de Florínea, datada em 17 de novembro de 1990, há a informação de que o capitão da bandeira na época, Florêncio B. Dias, solicitou uma reunião para discutir assuntos relacionados à elaboração da festa e deu ênfase na presença do prefeito Severino da Paz, uma vez que este disponibilizava os meios de transportes utilizados para as jornadas e giros efetuados no período de 25 de dezembro até 6 de janeiro.

Além disto, o Livro de Atas possui um termo de abertura, datado em 1991, com informações de que a festa teve início com a ajuda de várias pessoas, que colaboravam para compra de vasilhames futuramente utilizados para servir os alimentos na festa e, por fim, dando ênfase que seu início se deveu à organização da Comissão.

O Livro de Atas¹⁹, assim como as informações que foram destacadas em seu conteúdo, são representativas quando pensadas sob a ótica da organização interna do grupo que, mesmo não oficializado legalmente, no início da década de 1990, preocupava-se com a salvaguarda de sua memória. A primeira página do livro, por exemplo, contém a seguinte apresentação:

Termo de Abertura

Servira esse Livro, que contém 600 (seiscentos) página, tipograficamente numeradas, para nele serem inseridas os atos e fatos histórico das festas de

¹⁸ O livro de Atas da Companhia foi redigido a punho e, embora não esteja especificado o nome das pessoas que o escreveram, todas as atas contêm assinaturas dos presentes nas reuniões do grupo, de modo a atestar a autenticidade do documento.

¹⁹ O Livro de Atas da companhia foi emprestado pelos membros do grupo em 2013, exclusivamente para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ele é composto por atas que datam de 1990 a 2011, todas elas redigidas a mão, não apresentando uma uniformidade de letras cursivas.

Santos Reis, do Município de Florínea, desde seu início, de forma a preservar o Acervo histórico do Município, Sera também, entregue a Municipalidade. Quando do término ou pela Extinção da modalidade Folclórica, que lhe reservará lugar de destaque. Florínea, janeiro de 1996²⁰.

As informações destacadas não apresentam linearidade de datas, o que leva a conclusão de que os textos intitulados como termos de abertura foram posteriormente redigidos. Entretanto, não se pretende buscar a veracidade temporal na escrita das atas, a fim de se comprovar o momento exato de sua produção, mas sim identifica-las como iniciativas emergentes na década de 1990 e que corroboram para a “oficialização” da festa em um local determinado. Portanto, cumpre toma-los como tentativas de preservação da memória, da história e da identidade das folias de reis de Florínea.

Este aspecto é entendido no texto como um marco para o grupo porque a festa passa a conquistar um lugar e um espaço que ampliam as possibilidades de realização do ritual religioso que antes era apenas “votivo”, conforme denominação utilizada por Brandão (1984). As celebrações anteriores eram realizadas pelos foliões em suas casas ou nas fazendas dos próprios festeiros, o que demandava sua ajuda financeira e maior dedicação, pois ele se ocupava de toda a organização da festa praticamente sozinho. Do ponto de vista dos foliões, a existência de uma Comissão e de um lugar próprio facilitou a organização do evento. Cabe a eles desfrutar da celebração em sua plenitude no dia 6 de janeiro de cada ano.

A Comissão Organizadora foi inscrita no livro de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, número 6.008, datado no dia 4 de janeiro de 2013. Mais um passo dado pela Companhia de folia de reis de Florínea, pois este registro implica a redação de uma ata de abertura²¹ (31 de outubro de 2012) que confessa o interesse na criação de uma Associação Folclórica. Desta forma, o documento consolida, no dia 4 de janeiro de 2013, a criação da *Associação Folclórica de Reis “Flor do Vale” de Florínea* e de seu Estatuto Social de Constituição, e ainda, elege os representantes dos seguintes cargos: presidente, vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro, secretário, vice-secretário, presidente do conselho fiscal, secretário do conselho fiscal, membro do conselho fiscal, suplente do conselho fiscal e advogado. Este livro apresenta-se, portanto, como mais uma conquista do grupo, depois de aproximadamente 20 anos de sua história. Nas palavras do mestre Benedito da Silva, o grupo:

²⁰ Este trecho foi transportado fielmente para este texto, o que resultou em apresentações de erros ortográficos. Vale ressaltar, também, que o livro de atas foi registrado até o dia 12 de janeiro de 2011 e contém, tipograficamente, 100 páginas para serem preenchidas. Já as atas dos anos de 2012 e 2013, foram anexadas à Constituição da Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea, oficializada em 2013.

²¹ A ata mencionada, faz continuidade às reuniões anuais do grupo, antes registradas a punho, no outro Livro de Atas.

[...] mudou muito, os caras antes não tinham a sabedoria que tem hoje. Lá era bem simples. Documentação? Eles não ligavam muito pra documentação. Nós sentimos obrigação quase. De verba, nós não recebemos nenhuma ainda, mas nós vamos tentar... Nós vamos ligar pras pessoas que encaixam as situações em termos de verba né, falar com deputado, vamos mandar pra secretaria, pra ver se eles conseguem verba pra nós de presente... e tem situações que nós recebemos doações e precisamos de uma nota e nós não temos. Nós não tínhamos né, hoje graças a Deus nós tá tendo, então se o cara doar, inclusive pra abater no imposto de renda né, então nós temos a condição de reverter essa situação pro cara que doa²².

Como se percebe no relato, tal legalização representa, sobretudo, uma demanda do tempo presente. A arrecadação de prendas em comércios, por exemplo, já é facilitada em função do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica/CNPJ da Associação e pode ajudar a angariar mais recursos por meio de políticas públicas e culturais, a partir das quais há incentivo financeiro para as celebrações dessa natureza. Além desses fatores, percebe-se que entidades com tais finalidades tendem consolidar a organização das festas e garantem maior acessibilidade ao espaço celebrativo, bem como a permanência do evento.

Mônica de Carvalho, em *Folia de reis não é folia de rádio* (2010), faz uma análise crítica sobre os sentidos de preservação da folia de reis da Freguesia do Ó, em São Paulo. Nesta pesquisa, a autora enfatiza que ao participar de eventos, como o *Revelando São Paulo*, tende a ocorrer certa profanação da celebração, uma vez que a mesma é transformada em um espetáculo (2010, p. 218).

Para os integrantes da Companhia “Flor do Vale”, a participação em eventos e a criação de uma associação são atos que permitiram a continuidade da festa até os dias atuais²³. Se assim for, há aqui a validação dos interesses dos foliões que se preocupam com a continuidade dessa tradição local e com a transmissão de uma identidade que fortalece as redes de relações entre eles. Como bem o lembra Sandra C. A. Pelegrini, os significados precisam fazer sentido ao grupo e agrega-los. Em suas palavras:

[...] estimular a comunidade a apropriar-se de seus bens culturais tangíveis e intangíveis, integrando-os às suas vidas e ao seu cotidiano. Ao fazê-lo, acabam retomando emoções, costumes, modos de viver e formas de entender o mundo que se entrelaçam às reminiscências do tempo pretérito e corroboram para a construção das identidades individuais e coletivas no presente. A preservação dos espaços de sociabilidade e do patrimônio material e imaterial contribui para aflorar afetos que estimulam o sentido de pertencimento da comunidade (2009, p.35).

²² Entrevista realizada no dia 22 de julho de 2013. Fonte: SILVA, Benedito da. **Entrevista [22 jul. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (01:35:04).

²³ Em 12 entrevistas realizadas entre os anos de 2012-2013, houve um consenso entre os foliões da Companhia, sobre as informações acima descritas.

Outro aspecto que chama a atenção é o da comercialização de determinados produtos no decorrer da festa, desde que as empresas de bebidas, as barraquinhas de alimentos e brinquedos, entre outros vendedores, paguem à Associação uma taxa para utilizar o local no dia da festa. Também é efetuada uma parceria com um morador local, Cristiano Arcanjo, o qual fornece os equipamentos de som para a festa e, em troca, comercializa CDs, Dvds, camisetas e lembrancinhas que remetam à devoção nos Reis Magos. Curiosamente, os CDs e Dvds produzidos pelo próprio morador e seu pai, José Arcanjo Filho²⁴ são bastante procurados e considerados oportunos porque registram determinadas visões sobre a história e a memória da festa.

Nesta perspectiva, as palavras de Ecléa Bosi, de alguma forma, traduzem as conquistas do grupo de folia de Reis de Florínea:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (1994, p. 55).

Como claramente expõe a autora, a lembrança não é mera reconstituição do passado, estagnando o presente. A lembrança é trabalho de reconstrução. Não só é preciso reviver momentos que se passaram como também é fundamental construir e atribuir valor às novas possibilidades de significação. Nessa direção, apreende-se que os elementos geradores do sentimento de pertença do grupo de foliões de Florínea lhes permitem reinventar suas histórias como atores e autores dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Albuquerque Júnior, ao esmiuçar a trajetória que as festas vêm tomando, enquanto um objeto de análise de estudiosos do campo das Ciências Humanas, em *Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar*, assinala que “a festa é sempre ruptura com a rotina e com semelhança, ela é a ordem da simulação, da invenção, do sonho e do delírio” (2011, p. 148). Logo, conclui que a essência do ato de festejar centra-se na diversão e na socialização

²⁴ Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2013, em sua residência em Florínea/SP. José Arcanjo Filho é autor das músicas que remetem a histórias relacionadas à folia de reis da sua cidade. Fonte: ARCANJO FILHO, José. **Entrevista [5 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (50:11).

que é capaz de propiciar aos participantes, fatores relevantes para aqueles indivíduos que buscam a desvinculação momentânea de suas rotinas pessoais.

Esta constatação, sem dúvida, revela o lado prazeroso de estar em uma festa, de compartilhar memórias e de se atribuir novos significados ao ato de festejar. O fato é que as festas possibilitam um encontro entre pessoas com bagagens culturais diferentes, e que por distintas razões, sejam elas religiosas, simbólicas ou econômicas envolvem o turismo, o comércio, a socialização, etc. Elas integram temporalidades e espaços determinados tradicionalmente ou ressignificados, de acordo com as necessidades dos foliões.

A compreensão da dinâmica das folias de reis, reconhecidas como parte do patrimônio cultural imaterial do Brasil, em especial de Florínea, interior de São Paulo, contribui para ressaltar a relevância de práticas culturais que passaram de geração a geração e chegaram à contemporaneidade. Apesar dos percalços e dificuldades metodológicas da história oral, cujo investimento demanda tempo para seleção dos depoentes, gravação, transcrição e análises críticas, essa reflexão visou registrar parte das memórias que, aliás, vão muito mais além do que aqui se mostrou. Ela aponta o esforço no sentido de reunir documentos textuais, imagéticos e orais capazes de permitir futuras investigações sobre as mudanças apontadas nas práticas do grupo florinense, que vem se remodelando a cada dia. Espera-se que esse passo inicial, de certo modo, contribua para a “reconstrução” da memória.

FONTES

Entrevistas:

ARCANJO FILHO, José. **Entrevista [5 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (50:11).

LIMA, Onofre Lopes de. **Entrevista [20 abr. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Tarumã/SP, 2013. Áudio MP3 (01:02:52).

MEIRA FILHO, Aldo Vasconcelos. **Entrevista [07 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (24:35).

NASCIMENTO, Rozimbo do. **Entrevista [14 ago. 2012]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2012. Áudio MP3 (01:04:54).

SILVA, Benedito da. **Entrevista [22 jul. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (01:35:04).

VALIM, João Rodrigues. **Entrevista [07 dez. 2013]**. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea/SP, 2013. Áudio MP3 (04:57).

Fontes Impressas:

ATA DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA DE REIS “FLOR DO VALE” DE FLORÍNEA. Florínea/SP, 31 de out. 2012.

BÍBLIA SAGRADA - Edição Pastoral Catequética (137ª Ed.). São Paulo: Editora Ave Maria, s/data.

CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA DE REIS “FLOR DO VALE” DE FLORÍNEA. Florínea/SP, 2013.

LIVRO DE ATAS “SANTOS REIS DE FLORÍNEA”. Florínea/SP, 1990-2011.

IPHAN. Lista de bens culturais materiais registrados. Disponível em site: <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em 10 de jun. de 2013.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. “Histórias dentro da História”. In: PINSKY, C. B. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, M. de. **Folia de Reis não é folia de rádio**. *Tempo soc.* [on-line]. 2010, vol.22, n.2, pp. 217-239.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

ELIADE, M.. **O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEIYH, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, A. T. História e memória: combates pela história. **História Oral**, v. 10, n. 1, p. 27-42, jan. - jun. 2007.

MORAES FILHO, M. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal Conselho Editorial, 2002.

NOGUEIRA, A. G. R. Patrimônio Cultural no Brasil. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio Imaterial**. São Paulo: Braziliense, 2008.

PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. Tradições e Histórias Locais: As Esperanças nas Bandeiras do Divino em São Luiz de Paraitinga (São Paulo/Brasil). **Patrimônio e Memória**, v.7, n.1, p. 231-256, jun. 2011.

_____. Os conhecimentos tradicionais populares no Brasil. Valorização e Salvaguarda. In: ROSAS, M.; TOBAR, J.; ZARATE, A. (orgs.) **Arte y patrimonio cultural. Inequidades y exclusiones**. Popayán – Colômbia. Editorial Universidad del Cauca, 2011, p. 139- 160.

PINTO, J. L. D. **Os Espaços da Folia de Reis em Maringá-PR**: O Grupo Unidos com Fé. Maringá, 2010, Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá – UEM.

_____. Hoje é dia de Santos Reis: a visita do sagrado nas casas de Maringá-PR. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan./2011. Disponível em site: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em 02 de ago. 2011.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. 211-214p.